ECOS DOS PROTESTOS DE RUA: CONSTRUCTOS SOCIOPOLÍTICOS EM COMENTÁRIOS NO YOUTUBE1[1]

GT 11: Comunicación y estudios socioculturales

Maria das Graças Pinto COELHO2[2]
UFRN
gpcoelho8@gmail.com

Lídia Raquel Herculano MAIA3[3]
UFRN
lidiarhmaia@hotmail.com

Resumo

O texto analisa os comentários dos espectadores do vídeo "*Globo e os Protestos*", enfocando o proceso de construção da identidade sociopolítica dos participantes dos protestos ocorridos no Brasil em junho de 2013. A empiria observa um espaço simbólico delimitado: o YouTube. O vídeo foi publicado por PC Siqueira e Diego Quinteiro durante os eventos para direcionar a compreensão política acerca dos protestos. Para entender o fenômeno, iniciamos com um estudo sobre as práticas de produção e consumo sociocultural no âmbito do YouTube; em seguida, são problematizadas as estratégias de comunicação massiva desenvolvidas nessa mídia social; e por fim, refletimos a circulação dos comentários sobre a (re)negociação da identidade do agrupamento – direita ou esquerda? Concluímos que as

[1] Artigo apresentado ao Grupo Temático 11, Comunicación y Estudios Socioculturales, do XII Congresso da Associación Latinoamericana de Investigadores de las Ciencias de la Comunicación, a ser realizado de 6 a 8 de agosto de 2014, em Lima, Peru.
[2] Doutora em Educação (PPGED/UFRN) pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2002). Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia da UFRN.
[3] Mestranda do Curso de Pós-Graduação em Estudos da Mídia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

identidades de grupos sociais juvenis estão se reconfigurando no espaço virtual, assim como se renegociam a circulação de valores e significados sociopolíticos, e que o YouTube se institui como um importante espaço de discussão política.

Palavras-Chave
Protestos; YouTube; Circulação de comentários; Negociação de identidades; Discussão política.

Introdução

Frequentemente somos hipnotizados na nova forma de estar juntos no footing cibernético. A todo instante aguardamos uma nova ação, esta que chega traduzida em rapidíssimas imagens veiculadas em mídias digitais. Ou seja: na velocidade dos meios de comunicação, principalmente da mídia individual, em que qualquer pessoa pode produzir e veicular informação, o novo já chega velho. Parafraseando Bauman (2000, p.6), podemos acrescentar que os velhos modos de fazer as coisas, a ação social e as formas de lidar com os objetos midiáticos não estão mais funcionando adequadamente, enquanto os novos, que deveriam chegar mais adequados e efetivos, ainda estão sendo procurados, experimentados, testados e rejeitados. Quase não sabemos onde estamos na esquizofrenia social experimentada como sujeitos sociais, que somos. Também não sabemos qual o lugar que ocupamos no turbilhão de eventos que acomete as redes sociotécnicas no dia a dia. E por não termos clareza sobre os acontecimentos, também não conseguimos ter uma visão confiável sobre o lugar para aonde vamos. O certo é que quase diariamente nos encontramos na cabeça de um furacão de imagens, discursos e narrativas.

Para identificar os novos espaços de sociabilidades e interações criados pelos jovens na arena virtual, onde eles constroem e desconstroem formas simbólicas para melhor entender e interagir com o mundo, procuramos

acompanhar a circulação dos comentários dos espectadores do vídeo "*Globo e os Protestos*"[4]. Observando a circulação dos significados do YouTube, inferimos sobre o processo de construção da identidade sociopolítica que eles atribuíam a si mesmos, enquanto participantes dos protestos ocorridos no Brasil em junho de 2013. As redes sociodigitais são transformadas em campo de batalha entre grupos de orientações ideológicas e/ou política diferentes. Ironicamente, é esse mesmo espaço público vitural que os jovens usam para se agruparem, motivados pelo encantamento de compartilhar signos de consumo, valores, gostos e sociabilidades.

O conflito argumentativo em torno de orientações políticas e ideológicas pôde ser acompanhado no vídeo "*Globo e os Protestos*", publicado no YouTube em 21 de junho de 2013 no canal "Maspoxavida," do *videoblogger* (pessoa que possui blog em formato de vídeo) PC Siqueira. A data da postagem desse vídeo quase coincide com o pico dos protestos, que ocorreu no dia 20 de junho e contou com a participação de mais de um milhão de pessoas, em todo Brasil[5]. Nesse material audiovisual visto por mais de 2 milhões de receptores no canal do YouTube – em sua maioria jovens atorestelas[6], como denunciam seus avatares – PC Siqueira e Diego Quinteiro comentavam a atuação da Rede Globo na cobertura televisiva dos protestos ocorridos nos días anteriores. O vídeo conceitua referências políticas da direita e da esquerda, na busca de identificar a tendência política do movimento.

---

[4] Disponível em: <http://www.youtube.com/all_comments?v=UiVDtWb7K48>. Acesso em 02 jul. 2013.

[5] PROTESTOS pelo país têm 1,25 milhão de pessoas, um morto e confrontos. **G1 Globo.com**, 21 jun. 2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/brasil/noticia/2013/06/protestos-pelo-pais-tem-125-milhao-de-pessoas-ummorto-e-confrontos.html>. Acesso em: 10 jul. 2013.

[6] Segundo pesquisa realizada pela Secretaria da Comunicação da Presidência da República (Secom) com apoio técnico do Ibope, 48% dos jovens brasileiros com faixa etária entre 16 a 25 anos acessam a internet todos os dias e ficam cerca de 04h16min por dia navegando na web. Disponível em: <http://pt.slideshare.net/BlogDoPlanalto/pesquisa-brasileira-de-mdia-2014>. Acesso em: 10 mar.2014.

Sobre isso, esquerda ou direita, Noberto Bobbio (2001) apresenta um ponto de partida na reflexão que introduz a frequente rejeição sobre as duas noções na discussão contemporânea sobre política. Para ele, a rejeição da díade sempre vem acompanhada por uma terceira via de argumentação, a saber: o centro modelado entre a esquerda e a direita. Bobbio (2001, p.51) completa indicando que os conceitos "Esquerda" e "Direita" não são apenas expressões de cunho ideológico, mas também "programas contrapostos com relação a diversos problemas cuja solução pertence habitualmente à ação política, contrastes não só de ideias, mas também de intereses e valorações da direção a ser seguida pela sociedade".

Os protagonistas do vídeo defendiam que como os protestos começaram clamando pela revogação do aumento da tarifa de transporte público, o que estaría incentivando a inclusão social, logo se tratava de um movimento de esquerda. Contudo, misturavam as teses e falavam também de um viés apartidário embora destacando o caráter político dos protestos. Segundo eles, a mídia tentava esconder a política, ao tratar os protestos como passeatas estudantis. Assim, eles criticavam a cobertura da Rede Globo. Essa crítica recai sobre a repentina mudança no tratamento dispensado pela emissora aos eventos. Nos primeiros dias dos protestos na cidade de São Paulo (SP-Brasil)[7], o jornalismo, corporativo, se referia aos participantes como vândalos. Depois, quando o aumento da tarifa de outras cidades brasileiras também foi anunciado, provocando uma série de mobilizações em mais de 11 estados do país e levando milhares de pessoas às ruas[8], a grande mídia passou a legitimar as manifestações, chamando-as de pacíficas (Gomes, 2013).

---

[7] SANTOS, Bárbara**;** DEIRO**,** Bruno**;** CUDISCHEVITCH, Clarice**.** Manifestação contra aumento da tarifa de ônibus fecha vias em São Paulo. **Estadão**, 06 jun. 2013. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/cidades,manifestacao-contra-aumento-da-tarifa-de-onibusfecha-vias-em-sao-paulo,1039657,0.htm>. Acesso em: 10 jul. 2013.

[8] KAWAGUTI, Luis. Protestos se espalham pelo Brasil com cenas de insatisfação e revolta. **BBC Brasil**, 18 jun. 2013.Disponível em: <

A assistência desse vídeo "*Globo e os Protestos*" gerou uma série de discussões sobre a atuação dos protagonistas, que discutiam complexas relações políticas de forma simplista. No espaço destinado aos comentários, os receptores engataram o debate sobre qual melhor posição política (direita ou esquerda); sobre as nuances da economia capitalista e socialista; sobre o atual sistema democrático brasileiro e sobre a identidade sociopolítica dos agrupamentos que participaram dos protestos de junho.

Enquanto os *videobloggers* emitiam suas opiniões, os internautas que os assistiam construíam e comentavam suas próprias observações sobre as ideias postadas no vídeo. Uns concordavam de pronto, outros discordavam apresentando novos argumentos para negarem a narrativa postada. É na (re)negociação da identidade sociopolítica que os receptores do vídeo citado atribuem a si esmos, que se concentra esta análise. Buscou-se, na observação, a compreensão sobre o complexo movimento de vinculação de sentidos que os manifestantes presentes naquele espaço midiático do YouTube tentavam construir para o grupo.

Para observar a circulação dos significados e os constructos sobre política que surgiam nos comentários, elegemos operar, de forma quantitativa e qualitativa na análise, que tem como foco a reflexão sobre os sentidos que os atores atribuem às práticas sociais de que fazem parte. O levantamento dos comentários postados no vídeo "*Globo e os Protestos*" compreendeu o período de julho a setembro de 2013. Para a análise foram selecionados 88 comentários, que tratavam unicamente sobre o recorte temático eleito: identidade sociopolítica dos manifestantes. A amostra foi coletada dentro de

---

http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2013/06/130617_manifestacao_sp_lk.shtml>. Acesso em:
10 jul. 2013.

um universo de 1.000 comentários[9] (os primeiros postados após a veiculação do vídeo), os quais constituem o corpus norteador da pesquisa.

Assim, na empiria, refletiu-se sobre as transformações das práticas sociais no tocante à produção e consumo de bens culturais no âmbito do YouTube, que parecem acontecer em decorrência da liberação do polo emissor, uma das bases fundantes da cibercultura (Lemos, 2007). Problematizam-se, ainda no encontro do campo empírico com as escolhas teórico-metodológicas, as estratégias comunicativas adotadas pelos *videobloggers* PC Siqueira e Diego Quinteiro no vídeo citado. Para, por fim, refletirmos a respeito das articulações discursivas elaboradas pelos espectadores no espaço destinado aos comentários, quando se esforçam por construir, coletivamente, a identidade sociopolítica dos atores-telas que se envolveram nos protestos de junho de 2013.

Reconfiguração de práticas de produção e consumo sociocultural no YouTube

Aqueles que dispõem dos dispositivos de produção das formas simbólicas normalmente se colocam como legitimadores da cultura vigente numa sociedade. Segundo Raymond Williams (1992), o domínio cultural sempre esteve nas mãos dos que detinham os meios de produção. Que ora estavam em poder da Igreja, ora sob o comando do Estado e depois a mercê do mercado. Este último trazia consigo a expectativa de uma maior liberdade na construção e emissão das mensagens. Contudo, no interior dele acabaram por surgir novas formas de controle e seleção cultural.

[9] Considerando a amostra coletada em relação à proporção do universo, a pesquisa apresenta um índice de confiança de 95% e probabilidade de erro amostral de dez pontos percentuais para mais ou para menos.

Além disso, o domínio do mercado sobre a produção cultural criou um abismo entre os que produzem e os que consomem os produtos culturais. Assim,

> à medida que uma cultura se torna mais rica e complexa, implicando muito mais técnicas artísticas desenvolvidas em alto grau de especialização, a distância social de muitas práticas tornase maior, e há uma série de distinções (...) entre participantes e espectadores nas diversas artes. (Williams, 1992, p.91)

No campo do audiovisual presenciamos significativas transformações nesse aspecto. Os limites entre produtores e consumidores se revelam cada vez mais indissociáveis. Tanto que atualmente se debate com frequência a ação do sujeito *prossumidor* (aquele que produz e consome os produtos culturais). Esse agente midiático, de posse dos aparatos tecnológicos de criação e emissão cultural, se torna um ativo fomentador da cultura que circula em rede.

Coelho e Lemos (2013, p.5) inferem que o surgimento das redes digitais e a força da cultura midiática na ação política estimulam novas práticas sociais. E que nesse contexto "processos de produção, recepção, circulação e consumo de informações são modificados". Dentre esses processos, destacamos aqueles realizados no âmbito do YouTube, que de acordo com Carlón (2013, p.1), apresenta aspectos de "uma *nova mídia de massa".* Essa mídia com pouco menos de nove anos de vida, comercializada para o Google ao custo de 1,6 bilhão de dólares, prometia ser um canal aberto e livre para que todos pudessem divulgar suas produções.

No entanto, desde sua fundação, essa mídia continha um slogan que já sugería outros fins além do compartilhamento entre amigos e familiares. O lema "Broadcast Yourself" apontava nitidamente para a possibilidade de emissão de um para muitos. De fato, não tardou muito para que a mídia emergente fosse cooptada por algumas corporações econômicas, governamentais e religiosas em suas estratégias de emissão massivas. Não obstante, esse espaço virtual

também passou a ser utilizado por sujeitos comuns em busca de autopromoção. Carlón (2013, p.5) destaca o vídeo "*That Way*, de *Chinese Backstreet Boys"*, entre os vinte primeiros enviados para o YouTube, "em que dois jovens fazem *playback* em frente a uma câmera". Rapidamente esse vídeo foi pauta de noticiários de todo o mundo, trazendo popularidade aos criadores. Assim aconteceu com o *videoblogger* PC Siqueira, criador do Canal "Maspoxavida". Esse *vlog* (blog em vídeo) foi lançado em fevereiro de 2010 e nove meses depois seus vídeos já contabilizavam mais de 41 milhões de acessos[10].

Mas, onde estaria a problemática no fato de sujeitos comuns usarem os espaços virtuais para autopromoção? A tensão reside no status conceitual onde foram embutidas as mídias digitais. Para o autor Pierre Lévy (1999), por exemplo, as mídias tradicionais (como televisão, rádio, revista e jornal) seriam dispositivos de comunicação de um para muitos. Já o telefone, inicialmente, se configuraria por ser um aparelho que permite conexões interpessoais. Depois, é que o celular se tornou um dispositivo híbrido e maior símbolo da convergência atual (Lemos, 2007). Enquanto isso, as conexões estabelecidas através da rede mundial de computadores fariam parte de uma dimensão comunicacional de muitos para muitos. O ciberespaço, segundo Lévy (1999, p.63), seria um "dispositivo comunicacional original, já que ele permite que comunidades constituam de forma progressiva e de maneira cooperativa um contexto comum", onde as mensagens são trocadas, normalmente, de forma transversal.

Contudo, no espaço do YouTube presenciamos também uma hibridização das funções midiáticas. Tanto que, atualmente, alguns autores se referem ao canal como mídia individual de massa. O que apresenta certa complexidade, por ser

[10] CICARELLI, Catarina. PC Siqueira, do vlog Mas Poxa Vida, não se acostuma à fama. **Veja São Paulo**, 19 nov. 2010. Disponível em: <http://vejasp.abril.com.br/materia/pc-siqueira-mas-poxa-vida>. Acesso em: 06 jul. 2013.

essa uma mídia inserida em um dispositivo comunicacional do tipo muitos-muitos, mas que permite estratégias enunciativas ao modo do broadcast.

Diante disso é que Carlón (2013, p.6) afirma ser necessário fazermos uma distinção entre mídias e estratégias comunicativas. Ele é enfático ao argumentar que, embora essa mídia social possa ser usada com fins de transmissão, assim como os tradicionais meios massivos, “a possibilidade de qualquer usuário fazer circular os discursos audiovisuais que deseje em âmbito global, produzidos por ele mesmo ou não, não pode e nem deve ser minimizada na história da midiatização”. Além disso, o YouTube ainda possibilita uma multiplicidade de ofertas de conteúdo e liberdade para o indivíduo consumir os produtos midiáticos no horário que deseja.

A abertura para produção e difusão cultural tem permitido que sujeitos comuns usem dessa mídia, que se caracteriza pela horizontalidade, para construção de capital social e simbólico, e para se colocarem como autoridades argumentativas num espaço democrático. Dentro desse perfil, encontramos os *videobloggers* PC Siqueira e Diego Quinteiro.

Autoridades argumentativas num espaço democrático

Mas, o que faria pessoas comuns, como PC Siqueira e Diego Quinteiro, tornarem-se autoridades argumentativas em rede? O vídeo, protagonizado e lançado por eles no YouTube em 21 de junho, já contava com pouco mais de 1,7 milhão de visualizações cerca de dez dias depois de veiculado, tendo por isso se tornado foco de nossa atenção. Sabemos que o papel de autoridade e interpretação dos acontecimentos sociais normalmente é desempenhado, principalmente, pelos meios de comunicação de massa. Além disso, segundo Latour (2012, p.55) “para delinear um grupo, quer seja necessário criá-lo do nada ou simplesmente restaurá-lo, cumpre dispor de ‘portavozes’ que ‘falem pela’ existência do grupo”. Ainda que esses porta-vozes não sejam interpelados pelos agrupamentos, mesmo assim sujeitos e instituições

detentores de certo capital simbólico Bourdieu (2001, p.51), se erguem procurando, a todo custo, definir socialmente os grupos recém-construídos.

Ocorreu desse modo em junho de 2013, veículos da imprensa tradicional, perplexos com o rumo dos protestos, estavam a todo o momento buscando explicações em analistas conceituados – que também ainda não conseguiam entender a conjuntura política vivida no período. Faziam isso porque precisavam responder às questões básicas que compõem a prática jornalística, entre elas, a obrigação de apontar quem eram os líderes dos protestos. Enquanto isso, os ativistas organizavamse a si próprios autonomamente nas redes digitais, de forma pluralista e heterogênea. Criando um movimento popular com muitos corpos e nenhuma cabeça (Gomes, 2013).

Após a assistência do vídeo alguns internautas acusaram os *videobloggers* PC Siqueira e Diego Quinteiro de fazerem uso do exercício de poder simbólico nos mesmos moldes operados por instituições midiáticas. Como podemos ver no comentário a seguir: "Se manifestar não é algo exclusivo da esquerda, participar das manifestações não é participar de um movimento de esquerda (...) PC Siqueira, você é a globo, da pior espécie"[11].

O slogan do YouTube, "Broadcast Yourself", demonstra a possibilidade de se alcançar visibilidade quase tal qual uma instituição midiática tradicional. A premissa é verdadeira. Contudo, apesar de o YouTube ser um ambiente aberto para que todos possam veicular suas produções, ainda assim, nem todos conquistam o mesmo destaque. Observamos, então, um campo social democrático em que hierarquias são construídas, conforme os recursos de que dispõem os sujeitos envolvidos. Pierre Lévy (1999, p.128) explica que, num contexto digital como esse, o recurso de autoridade simbólica advém da

[11] A grafia de todos os comentários, utilizados como exemplo para este artigo, foi mantida tal qual publicada no site, incluindo erros gramaticais.

“reputação de competência que é constituída a longo prazo na ‘opinião pública’ da comunidade virtual”.

PC Siqueira fez uso dessa reputação construída durante mais de três anos, através dos vídeos veiculados em seu canal “Maspoxavida” e da inserção de seu programa na emissora MTV, ao se juntar ao Diego Quinteiro e produzir conteúdo voltado à construção da identidade sociopolítica dos protestos. A fim de “intervir no curso dos acontecimentos, de influenciar as ações dos outros (...) por meio da produção e da transmissão de formas simbólicas” (Thompson, 1998, p.24).

E ao indicar a identidade sociopolítica dos protestos de junho de 2013, esses *videobloggers* esperavam que os seus espectadores recusassem a cobertura da mídia tradicional – especialmente a da TV Globo – e que não mais hostilizassem a participação de partidos políticos – especialmente os situados no espectro ideológico da esquerda. A reação dos internautas demonstrada nos comentários, por sua vez, foi a de engatar um processo de (re)negociação da identidade sociopolítica do agrupamento, como denotam os comentários. A recepção aconteceu, dessa forma, como um processo de fabricação de sentidos, no qual o receptor se apropria do conteúdo recebido e amplia o seu repertório de significação.

A negociação da identidade dos protestos de junho de 2013 no YouTube

Em 1968 os brasileiros ocuparam as ruas do país protestando pela derrubada da ditadura militar. A perspectiva identitária norteadora de movimentos populares, como esse, estava sempre moldada pelo alvo contra o qual se estava lutando: o Estado de exceção. Já nos protestos de junho de 2013, os protestantes se diziam contra tudo. Contra o aumento da tarifa das passagens de ônibus, contra a corrupção, contra a educação pública de má qualidade, contra os serviços de saúde precários, contra os gastos excessivos com a

copa, contra o projeto de lei popularmente conhecido como “cura gay”, contra a manipulação da mídia tradicional e etc.

É bem verdade que no centro do movimento situava-se o debate sobre a política tarifária do transporte coletivo. Porém, algumas faixas, levadas por manifestantes, exprimiam a complexidade dos protestos ao informarem que eles estavam ali lutando “contra tudo”. Partindo de um público que se divide em uma multidão de fragmentos vemos uma infinidade de reinvindicações. Essa fragmentação identitária, caracterizadora da sociedade contemporânea, provoca o declínio de um quadro de referências sólidas que tínhamos sobre nós mesmos e sobre o mundo social de que fazemos parte (Hall, 2003).

Vivemos a emergência de novas identidades que geram o extermínio ou acomplexificação de identificações, tanto em nível individual como social. Assim, na atual sociedade fragmentada, onde nossas identidades se revelam de acordo com as posições que ocupamos, as causas contra as quais os grupos se posicionam são inúmeras. O que torna ainda mais difícil a tarefa de tentar definir uma identidade sociopolítica que possa unificar o movimento.

Kathryn Woodward (2000, p.9), baliza esclarecimentos sobre esse ponto. A autora afirma que a identidade seria relacional, “marcada pela diferença”. Ela ainda acrescenta que essa diferença é “sustentada pela exclusão”. Bruno Latour (2012, p.51) confirma essas afirmações quando explica que “a primeira característica do mundo social é o constante empenho de algumas pessoas em desenhar fronteiras que as separem de outras”.

É assim que PC Siqueira e Diego Quinteiro procuram delimitar a posição política dos protestos, mostrando a diferença das opiniões consensuais entre os manifestantes em oposição aos ideais defendidos pela direita. O discurso deles segue a seguinte direção: somos um movimento de esquerda porque lutamos pela igualdade e inclusão social – que se daria por meio da redução da tarifa dos transportes públicos, por exemplo – enquanto que a direita se orienta

por lutas opostas, como meritocracia e o livre comércio de serviços privados. Destarte, os *videobloggers* incorporaram no vídeo estudado uma definição para as posições direita e esquerda com conotação axiológica. Era de se esperar que fosse dessa forma, visto que, segundo Bobbio (2001, p.85) esas duas posições políticas "possuem um significado descritivo e um significado valorativo", sendo que, a partir dos critérios utilizados na distinção entre elas e dos juízos de valor emitidos às coisas descritas poderemos saber qual dos dois termos teria sentido positivo ou negativo.

Baseados na premissa, corroborada por Bobbio (2001), de que os termos "direita" e "esquerda" seriam antitéticos e excludentes, os protagonistas do vídeo "*Globo e os Protestos*" apresentavam a identidade sociopolítica dos protestos a partir da exclusão, ou seja, a afirmação implícita no discurso emitido por eles é: se nosso movimento é de esquerda, logo não podemos permitir a cobertura de mídias com posição política e ideais de direita. Além disso, segundo eles, os manifestantes deveriam aceitar a participação de partidos políticos de esquerda.

Sob esses aspectos é que se delineia a problemática da empiria, visto que naquele momento não estava clara a noção de identidade que os sujeitos se atribuíam e a forma como demarcavam os agrupamentos sociais. PC Siqueira e Diego Quinteiro operavam numa lógica de outra época, quando ainda era possível saber quem era um em relação ao outro. Quando a alteridade fazia sentido e sublinhava uma posição social e política, a nível individual e coletivo. Um movimento social representava isso porque não era aquilo, questão resolvida. Mas, como solucionar a equação da identidade sociopolítica, quando ao mesmo tempo os membros dos protestos, que se expuseram ao vídeo analisado, se afirmam, ora como apartidários e ora como de correntes que se associam às ideias da esquerda ou direita? No caso observado, portanto, encontra-se um acelerado processo de (re)negociação das identidades políticas envolvidas nos protestos.

Os *videobloggers* citados utilizam de seu capital simbólico para definir a posição política dos protestos de junho como se tal questão não fosse uma hipótese de difícil resolução. Afirmar que se tratava de um movimento apoiado em ideias esquerdistas e que por isso era necessário a aceitação de partidos políticos de esquerda no espaço público não resolvia o assunto. Muitos internautas os acusaram de terem feito uma confusão ao relacionar diretamente as perspectivas políticas do movimento aos programas de grupos político-partidários esquerdistas, como se as agendas desses grupos atuais pudessem englobar as demandas apresentadas nas ruas e nas redes. Como questionou um dos receptores:

> "Este vídeo tem boa intenção mas é ingênuo. Uma coisa é ser apolítico, outra é ser apartidário. Claro que a manifestação é política, porém a disseminação de bandeiras do PSTU, PSOL ou de outros partidos no meio da manifestação invocaria um caráter partidário inexistente, utilizando-se da minha (nossa) presença na manifestação como um endosso às posições defendidas por partidos - o que é totalmente falso (...)".

Para ele não cabia a pessoas ou organizações indicarem as posições políticas dos protestos. Do mesmo modo, nos explica Latour (2012, p.55) "os grupos não são coisas silenciosas, mas o produto provisório de um rumor constante feito por milhões de vozes sobre o que vem a ser um grupo e quem pertence a ele". No diálogo que segue, extraído dos comentários, podemos observar um pouco o movimento dessas vozes na tentativa de construção do sentido norteador do momento vivido naquele período:

> 1: "Socialmente falando, essa MANIFESTAÇÃO é de esquerda, sim. As pessoas (no caso, boa parte dos manifestantes) é que não. Aliás, não sabem nem pelo quê estão protestando, que dirá a inclinação partidária dos protestos".

2: “Não sei não. Muita gente estava lá clamando por melhores serviços públicos (em relação à enorme carga tributária brasileira) e contra a corrupção. São bandeiras apartidárias e não-ideológicas”.

1: “Sim, sim, Depois, acabou pendendo pra esse lado também. Mas o que causou impacto mesmo foi o lance dos R$ 0,20. E aí é inquestionável...”.

2: “Ok, é verdade, mas depois a manifestação cresceu e ganhou novos contornos. Outra coisa: mesmo as pessoas que não são exatamente ‘esquerdistas’ defendem transporte público subsidiado e de qualidade”.

Os internautas, que se expuseram nos comentários citados acima, estabeleceram entre si trocas simbólicas que constantemente se alternavam entre a concordância e a resistência nos argumentos. Sem necessariamente chegar a uma conclusão sobre a identidade sociopolítica do agrupamento. Contudo, ressaltava-se sempre a complexidade da formação coletiva e dos contornos sociais que envolveriam o futuro dos protestos. Do mesmo modo, em nossa observação, a preocupação em entender o processo de negociação foi sempre muito maior do que o de apontar a definição de um constructo político identitário do grupo observado.

Na amostragem, constatamos que 29,5% dos receptores concordaram com os *videobloggers* quando afirmam que os protestos possuíam posição política de esquerda. Enquanto que 20,5% discordaram, alegando não ser possível um movimiento apoiado em ideias de esquerda lutar contra o atual governo brasileiro, que seria também de esquerda. Percebemos inclusive a persistente arguição acerca de um possível apartidarismo e da falta de posição política definida para o agrupamento, em 50% dos comentários.

Estes últimos que optavam por uma possível neutralidade do grupo, deixavam claro que esse posicionamento se dava em decorrência da descrença deles com relação aos partidos políticos, tanto aqueles com ideais de esquerda quanto de direita. É nessa contestação da (suposta) ausência de diferenças

entre esses lados que, segundo Bobbio (2001), reside o motivo decisivo para a corriqueira negação da díade.

Por fim, não intencionamos, com a amostra observada, inferir sobre a inclinação sociopolítica dos manifestantes que se envolveram nos protestos ocorridos em junho de 2013, nem escrutinar os partidos situados no espectro ideológico da esquerda, embora na amostragem da circulação dos comentários eles tenham sido estigmatizados pelo que representam no cenário político brasileiro. Ainda assim, os dados coletados apresentam relevância ao contemplar o movimento de uma parcela das múltiplas vozes ecoadas nas redes digitais naquele período, que buscavam, entre outras coisas, encontrar sentidos para os agrupamentos sociopolíticos. Além disso, uma pesquisa realizada pelo IBOPE[12], em julho de 2013 no Brasil, reitera os resultados apresentados nessa análise. Os dados apurados pelo Instituto revelaram que, entre as dezoito Instituições e Organizações Sociais avaliadas, os partidos políticos são os que detêm o menor nível de confiança – 25 pontos numa escala de 0 a 100 – entre os pesquisados.

Conclusão

Nos comentários observados, que tangenciam a identidade sociopolítica formulada para os protestos, constatamos que PC Siqueira e Diego Quinteiro se precipitaram ao indicar a emergência de um movimento de esquerda nas ruas, inclusive chancelando a presença de partidos políticos no protesto. Talvez eles não tenham observado as diferentes práticas políticas que se propagavam no desenrolar dos protestos, que pouco a pouco, a cada nova manifestação, transformaram-se em um caldeirão de insatisfação social: contra tudo.

[12] Disponível em: http://www.ibope.com.br/pt-br/noticias/paginas/cai-a-confianca-dos-brasileiros-nasinstituicoes-.aspx Acesso em: 10 mar. 2014.

Constata-se que a aderência dos sujeitos à rede digital desloca as forças políticas tradicionais para outra arena pública, e apresenta novas relações de convívio e participação direta, que mais se assemelham a uma “assembléia de cidadãos deliberantes, sem intermediários e referendum” (Bobbio, 2002, p.65). Argumento que o autor usa para descrever os dois institutos da democracia direta.

Nas discussões entre os comentaristas estava evidente a crise de representatividade pela qual atravessam as democracias representativas na atualidade. Se nas formações dos protestos de rua anteriores buscava-se a unificação do grupo por meio de algum centro de referência político-ideológica, nestas que aconteceram em junho de 2013 no Brasil buscava-se justamente a pluralidade das vozes, a autogestão, o descentralização das decisões políticas e a ação democrática. Acredita-se que o que movia os protestos não se alicerçava sobre nenhum poder constituído, mas sim na junção das vozes contraditórias, que são tão distintas no fazer quanto no refletir sobre a ação.

Assim, podemos concluir que observamos um constructo simbólico e discursivo que apresenta novos contornos sobre os movimentos de rua no Brasil de 2013. Nessa ordem, receptores se convertem em emissores de formas simbólicas, e eles mesmos se organizam de forma independente em ambientes democráticos, como o YouTube. Ainda que nessa mídia se procure fomentar capital simbólico e pessoas procurem se levantar como porta-vozes para definir a identidade sociopolítica dos protestos, mesmo assim presenciamos um alargamento dos espaços de negociação dos sentidos sobre a ação política e a vida social. Processo esse que têm provocado mudanças nas formas de fazer e de participar da vida democrática. E que talvez, num futuro próximo, apresente mais sinais sobre o que de fato são as novas práticas sociais de participação civil e política na sociedade brasileira.

Referências Bibliográficas

BAUMAN, Z. (2000). *Liquid Modernity*. Cambridge: Polity Press.

BOBBIO, N. (2002). *O Futuro da Democracia*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra.

BOBBIO, N. (2001). *Direita e esquerda: Razões e significados de uma distinção política*. (2ª ed.)

(M. A. Nogueira, Trad.). São Paulo: Editora UNESP. (Obra original publicada em 1994).

BOURDIEU, P. (2007). *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp.

CARLON, M. (2013). Contrato de fundação, poder e midiatização: notícias do front sobre a invasão do YouTube, ocupação dos bárbaros. *Revista Matrizes, 7*(1), 107-126.

COELHO, M. G. P. & LEMOS, D. D. (2013, Setembro). Relatos de experiências em redes digitais sobre o movimento #ForaMicarla: agenciamento, reflexividade e desdobramentos políticos em

Natal/RN. *Anais do Encontro Anual da ANPOCS*, Águas de Lindóia, SP, Brasil, 37.

FRAGOSO, S., RECUERO, R. & AMARAL, A. (2011). *Métodos de pesquisa para internet.* Porto Alegre: Sulina.

HALL, S. (2003). *Identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A.

LATOUR, Bruno. (2012). *Reagregando o social: uma introdução à teoria do Ator-Rede.* Salvador: UFBA.

LEMOS, A. (2007). Comunicação e práticas sociais no espaço urbano: as características dos Dispositivos Híbridos Móveis de Conexão Multirredes (DHMCM). *Comunicação, mídia e consumo, 4*(10), 23 – 40.

LÉVY, P. (1999). *Cibercultura* (1a ed.). São Paulo: Editora 34 Ltda.

THOMPSON, J. B. (1998) *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia.* (8ª ed.). (W. Brandão, Trad.). Petrópolis: Vozes. (Obra original publicada em 1995).

WILLIAMS, R. (2011). *Cultura*. São Paulo: Paz e Terra.

WOODWARD, K. (2000). (5ª ed.) Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual.

In SILVA, T. T., HALL. S. & WOODWARD, K. (Orgs.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis-RJ: Vozes.